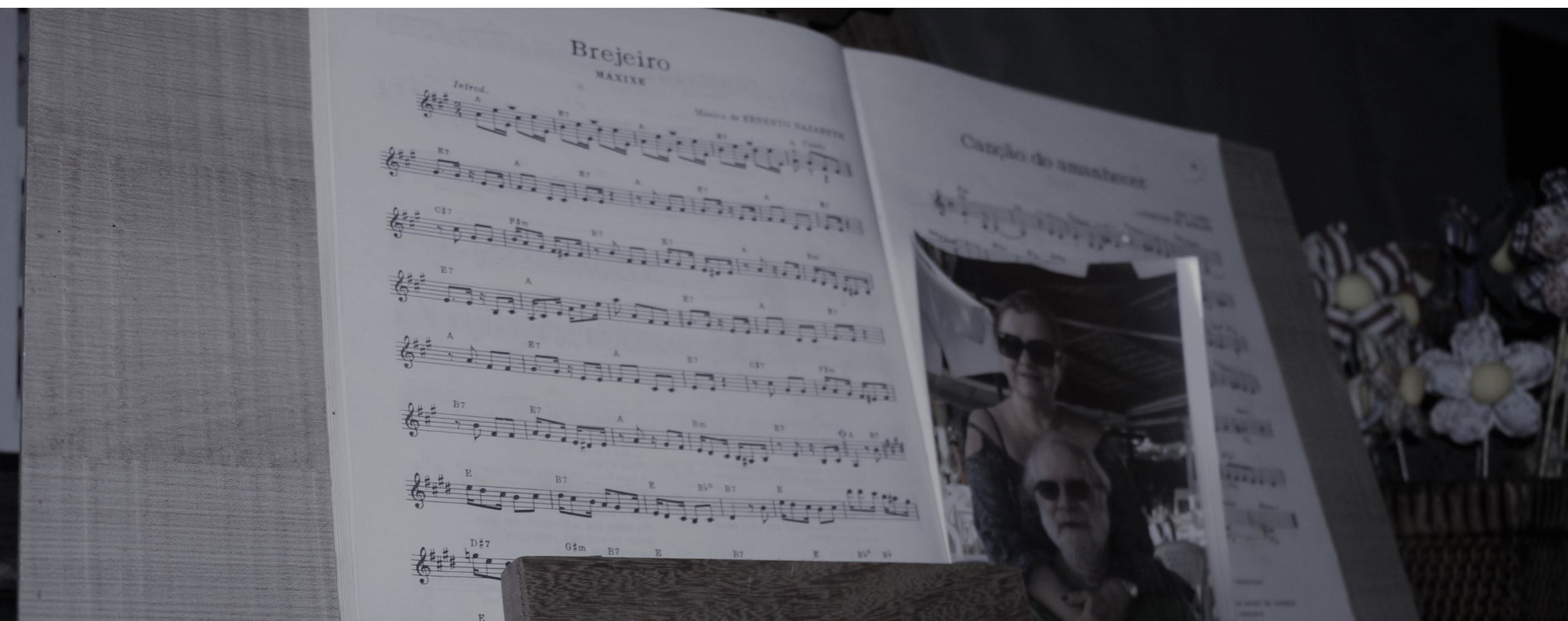




UMA ILHA DE MEMÓRIAS

Florianópolis de ontem com as lembranças de hoje

BEATRIZ WAGNER



SUMÁRIO

1 Apresentação

6 Paixão pela Ilha, pela vida e
pela arte

11 Uma vida encenada no teatro

16 Uma Ilha de memórias

23 Epílogo

APRESENTAÇÃO

A memória escrita da cidade como vitória contra a destruição

Quando, em setembro de 2017, a mídia noticiou a morte de Carlos Alberto Silva, também conhecido como “homem do chifre”, algo em mim a(s)cendeu. Carlos Alberto – cujo verdadeiro nome eu descobri apenas com a sua morte – foi, durante boa parte da minha infância, uma figura que era ao mesmo tempo bizarra, exótica, divertida e que despertava curiosidade. Com a sua morte, era como se uma parte das minhas memórias de infância no centro de Florianópolis também tivesse morrido. Na verdade, era justamente isso! Uma lembrança que ia embora. Quantas mais eu veria partirem? Para onde vão as nossas lembranças quando o tempo passa e nos esquecemos delas? O que é necessário para que tais memórias sejam revividas e como não permitir que elas se apaguem? E a única conclusão a que eu consegui chegar sobre como manter a salvo os fragmentos do cabedal infinito da memória era registrando-os através da escrita. Era preciso contar, narrar e guardar tais lembranças para que, mesmo após a finitude da vida, exista uma inscrição na história sobre elas.

Carlos Alberto havia partido, mas quantas outras lembranças eu seria capaz de colher para montar a colcha de retalhos da memória? Enquanto jornalista, eu poderia também ser um personagem dessa história? Seria possível, a partir de relatos diversos, montar um mosaico de memórias e tecer um passeio por décadas passadas na ilha de Santa Catarina? O desafio foi lançado e aceito.

Reunir personagens para tecer suas memórias e

fazer com que elas se tornem parte do registro histórico da cidade é uma forma de fugir da memória oficial que está dada, imposta. Trata-se de uma memória abstrata, despersonalizada porque contada por uma voz onisciente, que não tem corpo, nem concretude. São como histórias que fingem ser contadas por si próprias nas páginas dos jornais. Este livro reúne histórias de três personagens remontadas em suas lembranças de Florianópolis, especialmente relacionadas à vivência cultural que funde sua identidade à da própria Ilha. Acontecimentos ligados às artes plásticas, teatro, cinema e carnaval funcionam como uma ponte de lembrança para os protagonistas desses relatos que constituem parte da memória da cidade. Uma memória viva e não abstrata.

À diferença da memória oficial, as reminiscências aqui reunidas constroem uma colcha de narrativas que não se limita a reproduzir fatos já exaustivamente narrados, mas procura desencadear memórias de carne e sangue, que se sustentam sozinhas como lembranças de um eu. Um eu que se torna também um nós neste relicário de diferentes vidas. O método da entrevista-diálogo faz vir à tona recordações que, reforçadas complementadas ou contraditas por diversos discursos, formam uma memória coletiva da cidade. Narrar e publicar essas lembranças, subjetivadas pelos sujeitos e objetivadas pela história, individuais e coletivas ao mesmo tempo, é meu modo de torná-las um recontecimento, para que “fique o que signifique” da memória comunitária na recordação de quem conta a história, como escreve Marilena Chauí na apresentação do livro “Memória e sociedade: Lembranças de velhos”, de Ecléa Bosi.

Um poema em prosa do meu avô, escrito no início dos anos 50, dá a medida forte de como a memória coletiva da cidade se inscreve na memória de si de seus habitantes. Neste texto, o marinheiro paraibano de Pilar (mesma cidade de José Lins do Rêgo) declama todo seu encantamento pela “pequena, porém muito pitoresca, atraente e acolhedora”

cidade. Meu avô escreveu este poema aos 23 anos, em pleno frescor do seu enamoramento pela remansosa província. Seis décadas mais tarde, quando lhe peço permissão para usá-lo neste livro, ele responde: “lembra de colocar a data, minha filha, porque muita coisa mudou”.

Este livro é minha forma de demonstrar respeito e apreço pelas vivências antigas desses habitantes que não encontram mais a grande parte de suas pontes afetivas de lembrança na Florianópolis de hoje. As mudanças na paisagem urbana e na configuração dos espaços de convívio que a descrição da cidade da juventude de meu avô permite vislumbrar se efetivam nas descrições nostálgicas dos personagens-narradores hoje, em seu entardecer. Essas mudanças fazem parte da história de qualquer cidade, mas seria preciso perguntar, a que custo? Em nome de que e para quem monumentos culturais são erguidos e postos abaixo, ilhas inteiras de memória são tecidas e depois apagadas? Essas foram algumas reflexões que surgiram para mim durante a construção deste álbum de narrativas de memória, algumas delas levantadas pelos próprios protagonistas. Neste momento, contudo, deixo essas observações iniciais com o leitor para que contribua com suas observações e reflexões próprias ao longo da viagem.

Florianópolis

1º de janeiro de 1952

Florianópolis, não tenho palavras para descrever-te. Só uma pena mágica conseguiria inventar vocábulos dignos de expor o teu encanto, a tua beleza natural e arrebatadora. Sou apenas um admirador teu; porém, desejaria ser um poeta para cantar-te em minhas líras; descrever o encanto de tuas praias, de teus morros verdejantes e enfeitados de lindas casinhas de madeira, de tuas praças, onde os namorados murmuram frases coloridas e trocam apaixonados beijos, onde as lindas colegiais trocam tímidos olhares com os rapazes que ficam à sombra das árvores e palmeiras discutindo foot-ball.

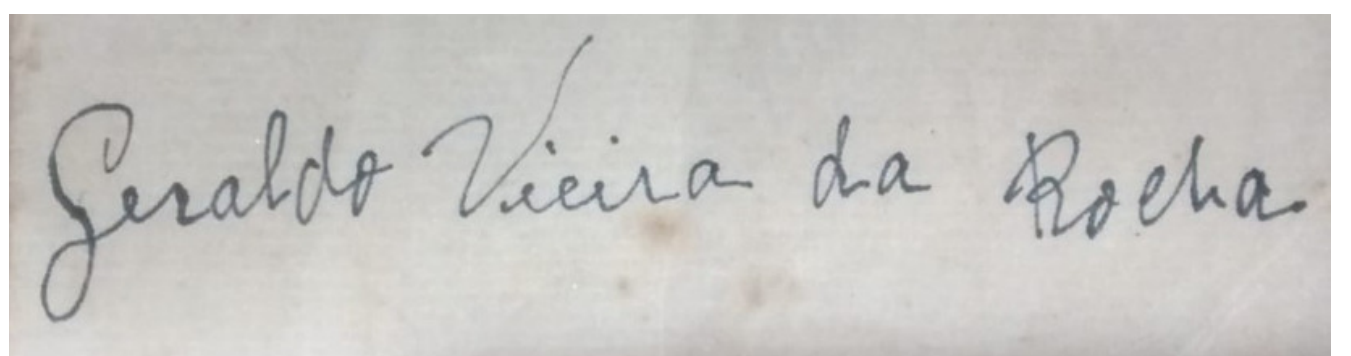
Florianópolis, quanta beleza tu encerras! Tu és uma cidade pequena, porém muito pitoresca, atraente e acolhedora. Teu povo é pacato e gentil. Tuas mulheres são as mais belas do Brasil; tu devias ser chamada “Ilha das sereias”. Florianópolis, mesmo antes de te conhecer, já havia sentido o teu encanto, andado por tuas ruas, gozado as delícias de tuas pitorescas praias, convivido com essa gente boa que te habita, sentido o perfume provocante de tuas formosas mulheres; já havia te amado como te amo agora, porém isto tudo em sonhos – divinos e inesquecíveis sonhos! Agora que te conheço realmente, sinto-me possuidor de uma nova alma; tu foste e és um tônico para minha vida, e creio que o és para todos aqueles que se sentirem cansados, aborrecidos e esgotados moral e espiritualmente.

Não há nada melhor, mais confortante para o espírito, depois de um dia de trabalho, de oito ou dez horas de aborrecimentos, do que passar pela Rua Felipe Schmidt. Ali, nos sentimos maravilhados com a beleza, elegância e

graça das mimosas sereias que estão sempre a nos provocar com os seus olhares meigos e atraentes, com suas lindas cabeleiras, loiras, castanhas, sempre a voarem açoitadas pela brisa fresca e atrevida, essa feliz gozadora que está constantemente beijando e acariciando as macias e rosadas faces dessas lindas criaturas! Ali, fala-se de política, discute-se foot-ball, fala-se da carestia das coisas que dia a dia vai se agravando, palestra-se sobre o último filme que passou; ali confunde-se o deputado com o bancário, o doutor com o empregado de loja, o filho do milionário com o filho do modesto funcionário da prefeitura; enfim, todos se sentem à vontade, como se estivessem em seu próprio meio. E não há coisa melhor para nos libertar dos aborrecimentos quotidianos do que passarmos uma ou duas horas num meio em que possamos estar inteiramente à vontade; onde nossa alma possa se expandir, penetrar as coisas e sentir o calor da existência.

Florianópolis, tu és um quadro pintado pelo pincel mágico da natureza. Tudo que existe em ti seduz e fascina; tu és um encanto para os olhos e um bálsamo para a alma. Viver em teu seio é viver feliz, é sentir a vida em toda sua beleza e grandeza...

Fim

A photograph of a handwritten signature in dark ink on a light-colored, slightly textured paper. The signature reads "Geraldo Vieira da Rocha" in a cursive script.

PAIXÃO PELA ILHA, PELA VIDA E PELA ARTE

Não há descrição possível que possa definir Valdir Agostinho. Músico, carnavalesco, artista plástico, ele é um homem cheio de talento e energia que não consegue ficar parado. A arte de fazer pandorgas o levou a lugares onde o manezinho da Barra da Lagoa nunca imaginou que chegaria. Com suas pandorgas, foi a Nova York e Paris e hoje sonha em participar do Festival Internacional de Pipas em Weifang, na China, que acontece anualmente no mês de abril. O patrocínio dessa viagem foi conseguido durante a restauração de uma de suas obras, a pandorga “Encantada”. Porém, o ilhéu diz que só irá ao festival quando tiver inspiração para montar uma pipa boa o suficiente para participar do evento.

Enquanto a realização do sonho não vem, Agostinho se reconecta com suas origens. Vivendo em uma casa simples, com sala/cozinha, quarto e banheiro e um fogão à lenha do lado de fora, no caminho para a Barra da Lagoa, sua comunidade natal, ele dedica seu tempo à arte. O terreno íngreme que leva à sua casa tem o ateliê do artista no meio do caminho, um local espaçoso, colorido de belezas naturais e artísticas e um privilégio muito especial: vista para a Lagoa da Conceição.

A simplicidade no jeito de viver e a leveza no jeito de levar a vida fazem dele um típico manezinho. Essa personalidade singular tem origem na infância na comunidade da Barra da Lagoa, que era praticamente isolada na época. Agostinho traz em seu relato a lembrança do

engenho funcionando, do carro de boi passando, da plantação de batata e aipim pelos tios, produção de sabão com baga de noz, a mãe fazendo farofa de amendoim e polenta e a pesca artesanal feita pelo pai. As fortes lembranças das festas na comunidade ainda o emocionam e o inspiram:

- Minha vida foi muito linda com essas fogueiras que a gente fazia na festa da comunidade. Era festa que não tinha carro passando, não tinha barulho. Eu me lembro da procissão caminhando, da banda tocando... Quando eu fiz 'Martin balaieiro', essa música foi inspirada na procissão passando na Lagoa. Eu estava aqui agora onde estou contigo, e eu chorava, porque a banda tocava e eu ouvia 'pom-pom-pom-pom-pom'. Eu ouvia alguma coisa na Lagoa e aquilo me emocionava, eu chorava! Eu achava isso tão lindo, lindo, lindo, divino, divino!

Essas lembranças remetem ao que Agostinho chama de "Floripa original". O artista conta da divisão que havia na própria cidade, entre os bairros do "interior" e o Centro. Os dois espaços se diferenciavam até no modo de falar dos habitantes. Com o tempo, tudo foi se unificando para chegar ao que ele define como modernismo: as mudanças nos anos 80.

Nessa época, essa divisão que era visível passa a ser diluída com a abertura das praias e do Carnaval, a chegada dos turistas e a onda do biquíni para as mulheres e a tanga para os homens. Agostinho percebe que sua vida foi muito guiada a partir dessas duas vertentes: a originalidade de uma comunidade açoriana que era isolada e a chegada da modernidade com o progresso, o asfalto e o turismo.

Apesar da forte ligação com a cultura ilhoa e dos prazeres da vida na comunidade, as condições de subsistência eram limitadas: para os homens, ou tornava-se pescador ou lavrador. Já às mulheres era delegada a função de casar, servir a casa e fazer novos pescadores. O então

adolescente Valdir Agostinho deixa a casa da mãe na Barra da Lagoa e em vez de ir trabalhar como pescador, cumprindo a tradição, muda-se para a Prainha, onde se sentia em Nova York, com a visão da ponte Hercílio Luz.

Essa mudança para a “cidade” (modo como as pessoas dos bairros mais afastados chamam o Centro) foi para ele como um milagre, um universo que se abria:

- Se levar uma pessoa hoje pra um outro país, ela não vai ter um choque cultural tão grande quanto eu tive.

Sem estudos, Agostinho vai trabalhar como frentista e conhece o famoso colunista Beto Stodieck, que o leva para trabalhar no Estúdio A2. É lá que Valdir tem contato com grandes expressões artísticas e culturais da cidade: Franklin Cascaes, Eli Heil, Martinho de Haro e seu filho Rodrigo de Haro, entre outros. Foi na galeria de arte que encontrou a sua fonte de energia – iniciada com a paixão pelas cores, pelas festas de terno de Reis e pelos altares em homenagem ao Espírito Santo que a mãe fazia.

- Eu vi que a arte era uma fonte de energia, de “despirar”, de te colocar pra fora, uma expressão de liberdade. E aquilo começa a te limpar, tu começa a ser uma pessoa, tu te purifica quando tu faz arte! Então eu acho uma coisa linda.

Apesar do glamour da memória da vida artística, ele conta que nunca produziu arte apenas para vender. Ninguém até hoje conseguiu consumi-lo ou comprá-lo, garante o artista, que busca sempre se renovar com sua arte. Costuma dizer que é um pioneiro na reciclagem, pois no início dos anos 2000, desejando sair da sua zona de conforto, começou a criar flores, máscaras e peixes com recipientes que tinha em casa, com lixo retirado das praias e tampas de garrafa. Isso reflete a preocupação dele com o meio-ambiente e o futuro de Florianópolis, cidade com a qual ele sente forte ligação e tem grande paixão.

Com seu jeito de falar tipicamente ilhéu, durante

toda conversa, o artista exalta a beleza da cidade, seu sentimento em relação a ela e a preocupação com o crescimento desenfreado:

- Floripa sempre foi linda pra mim, eu amo Floripa! Mas Floripa hoje tá perdendo muito porque a originalidade tá se indo, o manezinho já foi. Eu vejo pessoas até da elite se sentindo sufocadas por essa falta do estilo de vida do manezinho. As pessoas acham que têm que ser tudo faraônico e tudo arrumado. Não acho que Floripa tem que ser toda ajeitadinha. Eu tô promovendo muito isso agora: respeite um ranchinho de canoa; se for com sapé melhor ainda, se for de estuque tá muito correto e se for de madeira velha de caixaria tá correto também e não desmanche. E não vem com concreto, tudo igual, a mesmice. Nós temos que ter uma coisa característica, sim! É uma ilha, não tem para onde crescer!

Aos 64 anos, Valdir Agostinho valoriza muito mais o estilo de vida simples, o contato com a natureza e aquilo que aprendeu com o pai pescador: ter felicidade com pouca coisa. Ao final da entrevista, seguimos para um agradável café com direito à polenta feita no fogão à lenha em panela de barro e toda a nossa conversa teve como trilha sonora o canto dos pássaros e o sopro do vento.



O músico e artista plástico Valdir Agostinho em meio a natureza, onde reencontrou suas origens.



Algumas das pandorgas produzidas por Valdir, em seus ateliê.

UMA VIDA ENCENADA NO TEATRO

Há mais de 30 anos, Solange Adão atua nas mais diversas atividades culturais em Florianópolis: teatro, música, literatura, dança e artesanato. Sua relação com a arte começou cedo. Aos nove anos, a arte-educadora já estava nos palcos. Integrou o grupo do Teatro Álvaro de Carvalho (TAC), coordenado pelo produtor cultural Luiz Alves da Silva, mais conhecido como Culica; participou de peças feitas pelo teatrólogo Sérgio Candido, através das atividades oferecidas na unidade do SESC (Serviço Social do Comércio), no bairro Prainha e fez parte do tradicional Grupo Armação, onde ganhou diversos prêmios.

Porém, antes disso, Solange já participava de peças na escola e na igreja Nossa Senhora de Fátima, no Estreito – bairro onde passou a infância e juventude. As lembranças religiosas são ainda bastante fortes na nossa conversa. Ela conta que a família era responsável por trocar as flores da igreja e lavar o altar. Em sua casa, ainda eram guardados os materiais para a confecção de tapetes na procissão de Corpus Christi e as fitas que decoravam o mastro da pomba do Divino. Solange também recorda sua participação no grupo de jovens da Catedral, que encerrou as atividades e depois as retomou após uma missa de Natal, onde o seu filho, ainda um bebê, representou o menino Jesus. A relação com a igreja católica, porém, foi rompida quando, durante uma missa, o padre da igreja Nossa Senhora de Fátima brigou com toda a família. O motivo? A mãe de Solange havia feito para ela e as irmãs um vestido modelo tomara-que-caia que ele considerou como roupa inadequada para o ambiente.

Daquele dia em diante, a mãe não permitiu mais que fossem a igreja e toda a família deixou a religião católica.

As relações familiares também são algo bastante importante para a artista: Solange recorda até hoje uma peça que fez com as irmãs, na qual elas interpretavam Maria, Marisa e Marina – três irmãs que aprontavam e quando uma saía de cena, a outra entrava, todas usando a mesma roupa, confundindo o espectador, que só ao final tinha a revelação de que eram personagens diferentes. Do pai, ela guarda a lembrança do homem alegre, carnavalesco e boêmio:

- Meu pai largava a gente na frente do teatro (TAC) e sumia, voltava depois de três dias para a casa, já emendava pra outra coisa, emendava para o carnaval – conta Solange, rindo.

O carnaval, aliás, é outro ponto importante da memória da cidade para ela e também para Márcio de Souza, professor e ex-vereador, que é um dos idealizadores da feira Afro Artesanal, onde foi feita a entrevista. Márcio foi um importante interlocutor para acionar as recordações de Solange. Quando a atriz queria falar sobre as matinês dos cinemas de rua da Capital, mas não conseguia lembrar o nome deles, foi Márcio que nomeou cada um: Jalisco, no bairro Estreito; Cine Coral, na Rua João Pinto; Ritz e Roxy, nas laterais da Catedral Metropolitana.

Ainda sobre o Carnaval e sua família, Solange fala que os pais eram figuras importantes e ativas na maior festa da cidade. O pai participava da primeira ala da Protegidos da Princesa, onde só desfilavam os dirigentes da escola. Teve inclusive sua foto exposta no antigo Museu do Carnaval, fundado em 1995, que hoje se encontra inativo. O carnavalesco era também um dos responsáveis pelo livro de ouro da antiga escola de samba Filhos do Continente. A mãe de Solange, por sua vez, era chamada para costurar as fantasias:

- Em janeiro, minha mãe estava grávida de mim e,

como ela conta, pegou muita ala de escola pra fazer. Então a casa estava até em cima de chitão, fenda, fitas, rendas e babados e ela teve que parar dia 12 de janeiro pra me ganhar e depois teve que voltar para o trabalho pra dar conta da ala das baianas da Protegidos e da Filhos do Continente.

Outro ponto importante de cultura e memória da cidade que intersectam as lembranças de Solange e Márcio é o boi-de-mamão. Eles recordam que quando crianças, essa era a principal brincadeira. “Cada rua da cidade desenvolvia sua forma própria de realizar a manifestação folclórica, porém, nos dias de hoje, isso se perdeu”, conta Márcio. Ambos concordam que houve um empobrecimento cultural da cidade, causado em grande medida pelo processo desenvolvimentista acelerado que Florianópolis sofreu. O ex-vereador pontua que a cidade recebeu diversas outras culturas que acabaram destronando a cultura local e deixando Florianópolis sem uma referência própria.

Hoje existe o desafio de firmar pontos e identidades culturais na cidade, acredita o ex-vereador. “Florianópolis encontra-se numa encruzilhada onde pode desaparecer do ponto de vista dessa identidade e, no lugar dela, existe alguma coisa que é tudo e nada ao mesmo tempo”. Para ele, as duas peças mais resistentes de memória da cidade são justamente o boi-de-mamão e as escolas de samba, definidas por ele como um relicário:

- Boi-de-mamão e escola de samba são duas coisas que diz assim: todo mundo é alguma coisa disso aqui, todo mundo da nossa cidade.

Sendo o carnaval a maior festa de Florianópolis, as escolas de samba são também as principais responsáveis por fazer essa passagem cultural de geração para geração, analisa Márcio, “ainda que a cidade negue a tradição e vire as costas para os dias de folia”.

Solange, que hoje coordena o grupo de teatro, canto e dança Pegada Nagô, também lamenta a perda dessa

memória cultural e a desvalorização dos artistas da cidade. Ela lembra que quando participou do teatro Armação, nos anos 80 e 90, o grupo recebia apoio tanto do governo quanto do público, seja pedindo autógrafos na Rua Felipe Schmidt ou participando de programas de televisão locais:

- Naquela época, a cidade nos respeitava enquanto artistas, hoje em dia nem nos conhece mais – compara.

Solange trabalhou por 28 anos na educação estadual. Aposentada, atualmente dedica-se às atividades do seu grupo de teatro e na organização da Feira Afro Artesanal, que ocorre semanalmente na Escadaria Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, no centro de Florianópolis. Ela também participa da feira confeccionando e vendendo as ancestrais bonecas Abayomi. Um pequeno cartaz afixado junto às bonecas explica a origem da tradição:

- Nos navios negreiros, durante as terríveis viagens, para dar algo para brincar aos seus filhos, as mães africanas rasgavam retalhos de suas saias e a partir deles criavam pequenas bonecas, feitas de tranças ou nós, para acalmar e trazer alegria, e que ainda serviam como amuleto de proteção. As bonecas, símbolo de resistência, ficaram conhecidas como Abayomi, termo que significa ‘encontro precioso’, em iorubá. Sem costura alguma (apenas nós ou tranças), as bonecas não possuem demarcação de olho, nariz nem boca, isso para favorecer o reconhecimento das múltiplas etnias africanas. As Abayomis são comumente confeccionadas e dadas de presente a pessoas que gostamos muito!



Atriz, professora, artesã... Solange Adão é uma figura que não para!



As bonecas Abayomi: Uma tradição que resgata a resistência e a ancestralidade.

UMA ILHA DE MEMÓRIAS

Aos 69 anos, Irê Silva vive hoje uma vida muito diferente daquela dos tempos de boêmia. O músico e ex-funcionário do antigo Banco do Estado de Santa Catarina (BESC) se casou e se separou bem jovem. Durante os tempos de solteirice, aproveitou muitas festas e carnavais pela cidade. Atualmente, prefere uma vida mais tranquila. Mora no Canto dos Araçás, na Lagoa da Conceição e divide o tempo para cuidar dos cachorros, assistir futebol – uma grande paixão desde a infância – e dedicar-se à música.

Até os nove anos, a vida de Irê dividia-se entre a casa no Morro da Mariquinha e as visitas à avó, em Sambaqui – na época, o ônibus para ir ao bairro funcionava somente uma vez na semana. Era bastante difícil o transporte do centro da cidade para os bairros mais afastados, o que fazia com que muitas pessoas saíssem de madrugada do Pântano do Sul, Canasvieiras e Santo Antônio para usufruir do comércio na parte mais “evoluída” da capital. Ele lembra que além do centro, o “resto” todo da cidade era considerado periferia. A cadeia pública, por exemplo, era totalmente fora da cidade, que terminava um pouco antes do Palácio do Governo, que também já era bastante afastado do centro.

Filho de uma mãe religiosa e de um telegrafista da Marinha, ele iniciou os estudos no antigo colégio São José, onde hoje funciona a Paróquia Santo Antônio, no alto da rua Tenente Silveira. O menino estudava para tornar-se padre. Antes de Irê completar dez anos, a família mudou-se para o Rio de Janeiro - que na época era ainda o Estado da Guanabara - para o pai fazer um curso de sargento. No Rio, ele ingressa no seminário e começa a se interessar por

música, aprendendo bastante da teoria, mas pouco da prática.

Irê se interessava em aprender piano, porém, era um instrumento muito caro. Então, um dia, ele recebe a visita de dona Anésia, sua mãe, com uma surpresa: ela havia comprado para o filho um acordeão. Ao abraçar o filho, ela suja a camiseta dele com sangue. Ele conta que a mãe levava o instrumento em uma mão e na outra o filho mais novo, ainda bebê, e ia trocando pelo caminho até chegar ao seminário. Como o instrumento era bastante pesado, acabou ficando com a mão em carne viva para levar o presente ao filho. Foi por causa do esforço da mãe que ele passou a dedicar-se a aprender o acordeão.

Em 1966, ano em que o Brasil disputou a Copa do Mundo da Inglaterra, a família de Irê retorna a Florianópolis. “Me lembro bem porque era tarado por futebol”. Nessa época, ele vai servir ao exército e logo em seguida entra para a recém-criada Escola Superior de Administração e Gerência (ESAG). Irê trabalhava na Caixa Econômica Estadual e um mês depois de se formar na terceira turma de Administração da faculdade, se casa com sua primeira namorada. Nesse período, não se interessava muito pelo que acontecia no âmbito cultural da cidade:

- Eu sabia que muita coisa rolava aqui na Ilha, mas eu não tinha tempo, ou não tinha coragem e nem entusiasmo pra acompanhar essa vida da Ilha, essa vida de barzinho da época.

Após cinco anos, com o término do seu casamento, Irê começa a trabalhar no BESC. Aconteceu aí uma espécie de “segunda adolescência”, como ele diz, que é quando começa a ter um contato maior com círculos sociais e atividades culturais na cidade. Essa reconexão com a Ilha acontece mais ou menos no mesmo período de uma grande mudança em Florianópolis. Até 1974, a Eletrosul, empresa responsável pela geração de energia na região Sul, tinha sua

sede no Rio de Janeiro. Forças políticas, contudo, passam a atuar para que a estatal venha para Santa Catarina, sob o argumento de que o estado se situa entre Paraná e Rio Grande do Sul, entre elas o então senador Konder Reis. Antes da vinda da Eletrosul, Florianópolis era uma cidade pacata e tranquila, com pouco menos de 150 mil habitantes. A chegada da estatal muda toda essa lógica.

Funcionários e diretores da empresa, acostumados com o Rio de Janeiro, receberam inúmeras concessões e vantagens financeiras para fazer a mudança. Irê conta que a sua chegada transformou bastante o cenário tranquilo da cidade. Os cariocas compraram terrenos, carros e começaram a movimentar mais Florianópolis, principalmente no setor imobiliário, o que provocou aumento de preços de terrenos e uma maior demanda de imóveis para aluguel.

Outra mudança importante e significativa em Florianópolis naquele ano foi a derrubada do Miramar. O trapiche municipal que também se tornara um reduto da boêmia, foi demolido para dar lugar ao aterro, alterando de modo severo o cenário do Centro da cidade.

Com todas essas mudanças, o estilo de vida do morador de Florianópolis também muda. Irê conta que até os anos 70, a maioria dos manezinhos achava que a viagem mais longe que se podia fazer era para o Rio de Janeiro. Nessa “reviravolta” da Ilha, surge a figura do colunista social. Cacau Menezes, Miro (Cláudio Silva) e Ricardinho Amorim divulgavam as personalidades badaladas da cidade que faziam a viagem da moda: Nova York.

Esses colunistas foram importantes para a divulgação dos hábitos e costumes da Ilha, pra morte e ressurreição dos hábitos do manezinho:

- E tinha o Aldírio Simões, que era o cronista do povão. O herói dele era o anti-herói. Era o cara do morro, era o negro da favela.

Aldírio Simões foi uma importante figura para a cultura da cidade. Tanto que o Mercado Público de Florianópolis foi batizado, em 2006, com o nome do jornalista. O mercado era como a segunda casa de Aldírio, que de lá apresentava o programa “Bar Fala Mané”, exibido pela TV Cultura. O jornalista sempre buscou fomentar e estimular a cultura da cidade, a figura do ilhéu típico. Com esse objetivo, criou o troféu “Manezinho da Ilha”, que era entregue a quem representasse esse jeito de ser: com simplicidade, ligado à cultura e respeitando a cidade.

Irê e Aldírio eram grandes amigos. Apesar da importância do jornalista para Florianópolis, com o passar do tempo, a sua figura vem sendo esquecida. Eles se conheceram quando Irê ainda morava no Morro da Mariquinha:

- O Aldírio morava lá em cima do morro e a nossa casa era na subida, então todo mundo que descia passava na frente. Mas na época ele não falava comigo, era só “oi”. Depois é que a gente se conheceu melhor.

Voltando às recordações da época de infância e adolescência no morro, Irê relembra, nostálgico, um fato curioso sobre como aprendeu a escrever. Como durante sua infância os discos e fitas eram caros, a única forma de ouvir música era o rádio. Então, para decorar as músicas que seriam cantadas no Carnaval, ele e o irmão mais velho, Ib Silva, sentavam-se na frente do rádio com um papelzinho para escrever a letra da música. A mãe mandava os meninos fazerem isso para aprenderem a ler e escrever, conta. Irê faz uma pausa e canta a música de Emilinha Borba que ainda está em sua memória: “Corre, corre lambretinha, pela estrada...”.

Por fim, falamos sobre os cinemas da cidade e ele comentou sobre uma atividade bastante comum na época: o footing. Se hoje a grande Florianópolis concentra ao menos seis grandes shoppings, até o início dos anos 80, não havia

nenhum empreendimento desse tipo na cidade. O primeiro deles, inaugurado em 1982, foi o Shopping Itaguaçu, ao lado da BR-101, em São José. Quando o empreendimento surgiu, algumas pessoas acharam que o shopping era na verdade um grande mercado. “Ninguém entendia muito bem o que era o projeto”. Para a inauguração, os empreendedores promoveram um show de Ney Matogrosso ao qual as pessoas assistiram sentadas no jardim que fica ao lado da rodovia.

Antes da era dos Shoppings Centers, os cinemas eram somente grandes salas no centro da cidade que, dependendo do nível do cinema, exibiam um determinado tipo de filme. O Cine São José era o melhor deles: com cadeiras confortáveis, passava filmes mais recentes e exigia que os frequentadores usassem gravatas para acessar a sala de cinema. Já o Roxy e Ritz tinham salas mais simples, com cadeiras de madeira, onde eram exibidos os faroestes. Essas três salas pertencentes à família Daux, estavam localizadas nas imediações da Catedral Metropolitana. Havia também o Cine Coral, na Rua João Pinto, que exibia filmes mais cults.

Houve um período em que o escritor e cinéfilo Gilberto Gerlach organizava a exibição de filmes no Theatro Adolpho Mello, em São José, lembra Irê. Denominado Cineclube Nossa Senhora do Desterro, o projeto teve início em 1968, passando os filmes clássicos de Werner Herzog e Ingmar Bergman, que na época eram considerados de “fora do circuito”:

- Gerlach exibia todos aqueles filmes que a gente sabia que existia, mas não tinha onde assistir – resume Irê.

Relembrando o footing, o simpático senhor de cabelo e barba brancos, diverte-se:

- O pessoal ficava pescando. Não devia chamar footing, mas fishing. (Em inglês, as palavras referem-se, respectivamente, a andar a pé e a pescar).

Praticado na Rua Felipe Schmidt e na Praça XV, o footing ocorria da seguinte forma: os rapazes perfilavam-

se encostados nas paredes das lojas, enquanto as moças desfilavam para chamar a atenção deles. Quando a mulher passava mais de duas vezes, os homens já começavam a prestar mais atenção em quem ela estaria interessada. Era assim que iniciavam os namoros na época.

Mais do que uma figura relacionada à cultura e à cidade, Irê também é meu tio. Sendo assim, além das diversas histórias sobre a cidade, nossa conversa foi recheada de lembranças familiares importantes e emocionantes, principalmente relacionadas à minha avó, alguém por quem, mesmo sem ter conhecido, aprendi a nutrir amor e admiração.



Irê hoje vive no Canto dos Araçás, na Lagoa da Conceição e tem na janela do quarto uma pitangueira: "Era um sonho de criança"



O Troféu Manezinho da Ilha de Irê Silva - uma criação do jornalista e amigo Aldírio Simões.

EPÍLOGO

“Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu” (Ecléa Bosi, 2003)

Foi para não arquivar as histórias de vida aqui expostas e transformar a cidade de Florianópolis em um palco para elas que surgiu este álbum de reminiscências. Ouvi histórias, filosofias e pensamentos genuínos sobre a cidade que merecem ser compartilhados com mais gente para que a narrativa coletiva continue a ser tecida por muitas outras pessoas memoriosas.

As narrativas se intersectam em pontos de quebra da paisagem urbana, com as transformações ocorridas na cidade: a abertura das praias, o crescimento dos bairros, a vinda da Eletrosul e a derrubada do Miramar. Isso tudo também se relaciona com as mudanças no modo de ser da gente que não são visíveis. O sentimento de asfixia citado por Valdir Agostinho demonstra que uma parte da população nativa, percebe a velocidade do apagamento da cultura local, trazido à tona por Márcio de Souza.

A forte presença da religião também é um ponto-comum em todos os relatos. Os personagens-narradores carregam importantes lembranças de momentos religiosos, tanto em família quanto em comunidade. A força da colonização açoriana fica bastante clara neste momento, especialmente em relação às questões relacionadas ao Divino Espírito Santo. Os materiais para a confecção de tapetes na procissão de Corpus Christi e o cuidado com a pomba do Divino na casa da Solange Adão; a procissão que passava pela Lagoa da Conceição; a festa de Terno de Reis e

a preparação do altar para o Divino da mãe de Valdir Agostinho e, por último, a participação na Cruzada Eucarística e os estudos no seminário de Irê Silva.

Muitos moradores do interior da Ilha e Continente têm o costume de chamar o Centro (bairro) de “cidade”, sobretudo as mais antigas. Esse fato sempre me chamou atenção antes mesmo de fazer as entrevistas. Passei a entender o porquê durante as conversas com Irê e Valdir Agostinho. Antigamente, os demais bairros de Florianópolis, eram considerados interior – havia pouco ou quase nenhum contato com a parte central da Ilha. Dessa forma, adotou-se o costume de chamar o Centro de cidade, onde se concentrava o trabalho formal e os negócios. Solange Adão cita o fato de que as pessoas se arrumavam para ir à “cidade”. A vinda ao Centro era como um evento social na época. As memórias da Florianópolis de ontem também se entrelaçam na descrição dos encontros dos jovens na prática do footing e na frequentação dos cinemas de rua.

Por fim, durante a construção deste livro-reportagem descobri que, para uma parte das pessoas, existe um jeito de ser do “manezinho”, uma construção de identidade que perpassa a vida simples, o “viver o que se tem pra viver e pronto”, dito pelo meu tio Irê, sem maiores luxos e sem a necessidade do consumo exagerado, conforme Valdir Agostinho. Tais conceitos e ideias criaram em mim uma identificação grande com esse “estilo de vida”, se é que pode ser assim chamado. O diálogo com os habitantes memoriosos me ensinou muito mais do que eu sabia sobre Florianópolis e também sobre mim mesma, pois, se existe um “jeito de ser manezinho” e é esse jeito simples, é com ele que me identifico, é o que faz de mim quem eu sou.

Com o crescimento da cidade e as mudanças observadas, hoje a população tipicamente “manezinha” não chega à metade dos habitantes de Florianópolis, segundo o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia

e Estatística (IBGE). A mobilidade urbana é outro ponto delicado que atingiu a cidade em nome do desenvolvimento. Alguns estudos e pesquisas mostram as dificuldades tanto para quem depende do transporte coletivo quanto para o motorista de carro particular – tempo no trânsito, tráfego pesado, horários de pico com engarrafamentos e a falta de integração no transporte urbano são alguns dos problemas que afetam os moradores da capital. Valdir Agostinho deixou o alerta: “É uma ilha, não tem para onde crescer!”.

Apesar de tudo isso e com todas as dificuldades, ainda existem quem se interesse em encontrar o seu sossego à sombra da Figueira da Praça XV, enquanto observa o movimento no calçadão da Felipe Schmidt. Tais cidadãos seriam interlocutores ideais para a continuidade desse projeto, com a elaboração de novos álbuns formando uma grande constelação de memórias.



Cidade de Florianópolis 262 anos Perfis

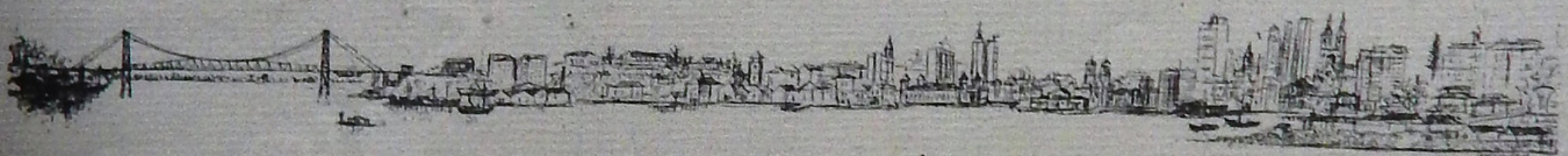
ORIGEM



1866



1966



1974



1986



Desenhos de Aldo Nunes

As mudanças arquitetônicas de Florianópolis através das décadas.